



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 11 DE ABRIL DE 2001

Meu caro amigo, Vice-Presidente Marco Maciel; Dona Ana Maria Maciel; Senhores Ministros de Estado, Senhora Ministra de Estado, aqui presentes; Senhores Comandantes das Forças; Senhores Oficiais-Generais; Senhores Oficiais; Senhoras e Senhores,

Esta solenidade já faz parte de uma tradição. Mas é uma tradição rica de significado. Como tenho reiterado a cada oportunidade que tive – e tive muitas, creio que, hoje, todos os oficiais-generais do Brasil passaram por esta cerimônia –, sempre reconheci que a promoção é feita em função do serviço que prestam à Pátria, dos seus sacrifícios, da capacidade que têm de desenvolver os seus trabalhos com competência e com a realização de que nos orgulhamos.

Vê-se que, nas Forças Armadas, a capacidade profissional é, cada vez mais, reconhecida, e os dotes de eficiência e do bom desempenho das funções que lhes são atribuídas, ao longo da vida, são o que os qualifica para a ascensão ao posto de oficial-general e, subseqüentemente, para as promoções até os graus mais altos.

Como em todas essas ocasiões, sabemos que essa festa tem um significado, também, para a família. E, por isso, me apraz, também, estarmos aqui todos em família, podendo cumprimentar as esposas e, certamente, esses cumprimentos se estenderão aos filhos e aos demais membros das famílias.

Sabemos, também, que, para nós, o povo brasileiro, esta nomeação para esses altos cargos tem uma dose de responsabilidade muito grande. O Brasil tem conseguido manter uma posição de destaque. E essa posição de destaque se enraíza, primeiro, no nosso próprio país. O fato de nós termos auto-estima é um valor essencial na formação de uma Nação. Mas é, também, um destaque devido à nossa presença responsável no concerto das Nações.

As Forças Armadas têm tido um papel decisivo, na crença que temos no país e no respeito de que o País goza, internacionalmente. Momentaneamente agora, que são momentos em que temos que tomar decisões quase todos os dias. Algumas são cruciais para o futuro do nosso país. É preciso que tenhamos esse sentimento de que as pessoas que detêm os mandos são pessoas que estão afinadas com o sentimento do país. E quem detém os mandos não são apenas os militares. É o conjunto daqueles que dirigem o País, a começar pelo Presidente da República. E o sentimento de todos nós precisa estar crescentemente afinado com o sentimento da Nação.

Não digo nada de novo, ao afirmar que, nos dias que correm, as responsabilidades internacionais do Brasil são acrescentadas, são, cada dia, maiores. Portanto, também, a presença do Brasil há de ser sempre uma presença que se imporá pelo respeito.

Obviamente, ao dizer isso, não estou dizendo que o Brasil possa descuidar – e nem descuidará – da sua capacidade de defesa. Aqueles que não tiverem o respeito necessário terão a resposta à altura do que nos fizerem de negativo.

Mas não digo isso como quem ameaça, porque o Brasil não precisa ameaçar. O Brasil precisa continuar com esse caminho, que é um caminho de respeito, e todo embasado numa crença de que esta Nação é uma Nação pacífica, mas que tem noção, também, das suas responsabi-

lidades e, portanto, também, não se furta a ter uma atuação presente onde seja necessário.

Eu dizia – o que é uma obviedade – que, nos dias que correm, essas responsabilidades cresceram muito. Toda a gente sabe que nós vivemos num mundo que está crescentemente interconectado pelos meios de comunicação, pelos meios de transporte, pelo fato, mesmo, que o sistema produtivo, hoje, se espalha na órbita planetária e que isso tudo impõe não só restrições, mas também oferece oportunidades.

As escolhas que o País faz, a cada momento, devem ser escolhas que pesem sempre as restrições e as oportunidades. E não podem ser escolhas que se façam a partir de um capricho de quem quer que seja, incluindo nesse “quem quer que seja” o Presidente da República. Têm que ser decisões, realmente, embasadas no sentimento do nosso país.

Estamos construindo, crescentemente, uma zona, não apenas de paz e de cooperação econômica, mas de convergência política na região sul da América do Sul. E nos sentimos responsáveis pela continuidade deste processo de integração, que é um processo cheio de benefícios para todos aqueles que dele participam.

Nós nos sentimos também muito felizes ao ver que a presença do Brasil no Mercosul e a presença do Mercosul na América do Sul têm tido um significado estabilizador e que, crescentemente, países que não pertencem diretamente a esta comunidade buscam formas de aproximação.

Ainda recentemente, a Venezuela expôs claramente seu desejo de aproximação, seguindo o que a Bolívia e o próprio Chile já haviam manifestado anteriormente. Estamos acelerando as nossas conversações com a Comunidade Andina para que o Mercosul e a Comunidade Andina possam, efetivamente, estabelecer com mais clareza as suas relações de trocas comerciais.

Mas se as trocas comerciais são aspectos que mais chamam a atenção e talvez sejam o mais visível desse momento da nossa história, não devemos esquecer nunca que elas não esgotam o processo de aproximação entre os povos, nem são elas que definem o interesse nacional. O interesse nacional está definido pela capacidade que tenha a população, e aqueles que a governam, de abrir perspectivas para um futuro

cada vez mais promissor. E esse futuro mais promissor se enraíza em valores e não apenas em mercados nem apenas na expansão de trocas comerciais. São valores que têm a ver com a nossa capacidade de implantarmos, crescentemente, as condições produtivas em nosso país, de desenvolvimento científico e tecnológico, da nossa capacidade, portanto, em um mundo que é interconectado, de termos também a possibilidade de definir dentro dele, dentro dos limites que as restrições óbvias impõem, definir, dentro desse mundo, as nossas decisões próprias, a nossa vontade própria e os nossos interesses próprios.

Há, portanto, que compatibilizar um mundo crescentemente inter-relacionado com a identidade nacional, com os valores que nos são próprios, com o desenvolvimento daquilo que permite a este país projetar-se com um futuro cada vez mais glorioso.

Se mencionei a América do Sul e o Mercosul foi apenas para exemplificar o que é óbvio. Estamos nos aproximando de momentos mais complexos ainda, em que existem forças internacionais de acomodação, de competição, às vezes, de conflito que fazem com que, necessariamente, o nosso país, hoje, tenha uma projeção, eu diria, mundial. Essa projeção mundial implica decisões de aproximação com a Europa, com a União Européia, implica decisões de aproximação no plano hemisférico.

Ainda na próxima semana, estarei no Canadá, em Quebec, onde discussões muito importantes serão travadas e onde os valores que mencionei não de ser os que vão guiar a conduta do Presidente da República e a conduta do Estado brasileiro na compreensão de quais são os desafios que temos pela frente, sempre com uma visão de cooperação, de prudência e de cautela, mas, certamente, sempre com uma visão na qual não se dilui o nosso interesse próprio. Portanto, a cada instante, teremos que estar defendendo esse interesse próprio com força, dentro das regras da boa convivência internacional, mas de modo a que, em eventuais relações que venhamos a travar em plano mais amplo, hemisférico, tenhamos sempre presente quais são as possibilidades nossas, de continuar desenvolvendo o nosso país de acordo com os nossos interesses e com a nossa capacidade.

Disse que esse relacionamento é cada vez mais amplo, mais planetário. Dentro de poucos instantes, estará aqui – nesta mesma sala – o Presidente da China, mostrando, assim, como o Brasil, hoje, como tem um relacionamento amplo, que vai da América do Sul à Europa, aos Estados Unidos, ao Canadá, ao Nafta, à Ásia. A China é um bom exemplo disso.

E o Brasil, em todos esses momentos, se faz presente com este mesmo sentimento. O sentimento de que, ao conversarmos, ao buscarmos a forma de convivência e de intercâmbio, estamos tranquilos porque temos a retaguarda, no nosso país, de um sentimento afinado com aquilo que o Brasil está fazendo no conjunto das Nações.

É nesse contexto que a presença ativa das Forças Armadas, no sentido melhor, no sentido da construção desta Nação, nos assegura, crescentemente, o respeito.

São os Senhores, portanto, os portadores dessa missão que é a de levarmos adiante aquilo que herdamos dos nossos antepassados, que é a de fazer com que este país continue nesse caminho de paz, de prosperidade, de convivência com todas as Nações, de não temer o diálogo, mas sempre sabedores de que, no diálogo, teremos sempre presente quais são os nossos verdadeiros interesses.

Permito-me, portanto, ao fazer essas pequenas reflexões, apenas dizer-lhes que o Brasil espera muito dos Senhores, pelas razões já mencionadas e pelo fato de que nossas Forças Armadas têm um alto espírito de profissionalismo. Ao lado desse alto espírito de profissionalismo, elas estão sempre cultivando os valores essenciais de formação da nossa pátria. Quero terminar por lhes dizer que estou seguro de que essas promoções vão nessa mesma direção. Portanto, os Senhores continuarão essa tradição. E tenho, por isso mesmo, não apenas a satisfação de tê-los conhecido pessoalmente, mas, também, a satisfação de desejar a todos muitas felicidades no cumprimento das novas missões.

Muito obrigado.